

## *Les mille et une nuits: la belle infidèle*

Christiane Damien<sup>1</sup>

### **Resumo:**

*Nos séculos XVII e XVIII, para os teóricos e tradutores franceses da literatura de ficção, a finalidade principal da tradução não era a fidelidade escrupulosa ao original, mas sim tornar a versão de uma obra digna de ser lida e admirada pelos seus contemporâneos. Tal concepção engendrou todo o trabalho de Antoine Galland, orientalista francês responsável pela primeira tradução das Mil e uma noites, considerando que uma versão literal deste livro correria o risco de não ser lida. Tendo em vista semelhante conceito de tradução, o objetivo do trabalho é, primeiramente, destacar alguns dos elementos das Mil e uma noites que, na pena do tradutor francês, foram alterados, ora pela sua amplificação, ora pelo seu encobrimento; além disso, o trabalho também visa uma reflexão sobre o caráter desta tradução, situando seu alcance na produção literária européia.*

**Palavras-chave:** Antoine Galland, *Mil e uma noites*, literatura comparada

### **Introdução**

As *mil e uma noites* [*Alf layla wa-layla*] foram primeiramente traduzidas pelo francês Antoine Galland e publicadas entre 1704 e 1717. Como um orientalista do início do século XVIII, Galland almejava propagar o conhecimento do Oriente, e, ao mesmo tempo, enquanto um erudito do século XVII, atentava à importância de uma obra instruir e moralizar; para tais intentos, ele deveria tornar agradável sua tradução, adaptando e eliminando elementos do original árabe inadequados ao gosto da época, conforme registrou na abertura de suas *Les mille et une nuits*:

*On a pris de conserver leurs caractères, de ne pas s'éloigner de leurs expressions et de leurs sentiments, et l'on ne s'est écarté du texte que quand la bienséance n'a pas permis de s'y attacher. Le traducteur se flatte [...] qu'il a fait voir les Arabes aux Français, avec toute la circonspection que demandait la délicatesse de notre langue et de notre temps*<sup>1</sup>. (GALLAND, 1965, p.22, v.1)

Esta concepção de Galland era, na verdade, comum nos séculos XVII e XVIII; tanto para os teóricos como para os tradutores, a finalidade principal do trabalho não era a fidelidade escrupulosa ao original, mas tornar a versão uma obra digna de ser lida e admirada pelos seus contemporâneos; nesse sentido, o século de Luís XIV conheceu o reinado das chamadas “*belles infidèles*”, obras mais concebidas como criação do que tradução, no sentido contemporâneo.

Tendo em vista este contexto histórico-literário da França no período em que Galland realizou sua tradução das *Mil e uma noites*, serão destacados neste trabalho alguns dos elementos que caracterizam o livro árabe – baseando-se fundamentalmente no trabalho de Larzul – os quais, na pena do tradutor francês, foram alterados, ora pela sua amplificação, ora pelo seu encobrimento. Para ilustrar as interferências do tradutor na obra, será utilizada junto ao texto de Galland a tradução brasileira das *Mil e uma noites* de Jarouche, que além de basear-se no mesmo conjunto de manuscritos utilizados por Galland, primou pela fidelidade ao original.

### **1 *Les mille et une nuits* e *As mil e uma noites* árabes**

Os contos das *Mil e uma noites* desenrolam-se quase sempre em meios abastados, nos quais as moradas trazem determinadas descrições que revelam as especificidades da arquitetura e decoração do auge da civilização árabo-islâmica. Na tradução de Galland, as belas construções árabes foram

---

<sup>1</sup> “Procurou-se conservar seus caracteres e não se afastar de suas expressões e sentimentos, desviou-se do texto somente quando a conveniência não permitiu ater-se a ele. O tradutor está certo de que [...] mostrou os árabes aos franceses com toda a circunspeção que demandava a delicadeza de nossa língua e de nosso tempo”. (Tradução da Autora)

adaptadas, ganhando colunas e jardins mais característicos da civilização francesa clássica; seu interior também sofreu retoques, certas particularidades da disposição dos cômodos e sua mobília foram excluídas, enquanto que outros detalhes da decoração foram amplificados, reforçando a imagem reluzente dos ambientes: ganharam quantidades adicionais de ouro, de pedras preciosas, de mármore e ricos tecidos que os tornaram ainda mais magníficos e esplêndidos do que aqueles do original. O retrato pouco fiel de Galland aclimatou os aspectos materiais ao domínio da corte francesa, mas também sublimou, por vezes, o universo árabe, lançando seus leitores a mundos maravilhosos, com riquezas inestimáveis. A passagem seguinte – extraída de “*Histoire de trois calenders fils de rois et de cinq dames de Bagdad*” –, à luz da tradução de Jarouche, é um exemplo de eliminação de certas particularidades do cenário árabe e amplificação de outras:

[...] *et tous trois, après avoir traversé un beau vestibule, ils passèrent dans une cour très spacieuse, et environnée d'une galerie à jour, qui communiquait à plusieurs appartements de plan-pied de la dernière magnificence. Il y avait dans le fond de cette cour un sofa richement garni, avec un trône d'ambre au milieu, soutenu de quatre colonnes d'ébène enrichies de diamants et de perles d'une grosseur extraordinaire, et garnies d'un satin rouge relevé d'une broderie d'or des Indes, d'un travail admirable. Au milieu de la cour, il y avait un grand bassin bordé de marbre blanc, et plein d'une eau très claire, qui y tombait abondamment par un mufle de lion de bronze doré*<sup>2</sup>. (GALLAND, 1965, p.115, v.1).

Avançaram todos até chegar a um salão espaçoso, simétrico e elegante, dotado de colunas, arcadas, madeira entalhada, bandeiras, balcão, banquetas, armários e bufês cobertos com cortinas. No meio do salão havia uma grande piscina cheia de água em cujo centro estava uma barquinha; numa das pontas do salão havia uma cama de âmbar com quatro pés de zimbros cravejados de pérolas e gemas, e sobre a qual se estendia um mosquiteiro de cetim vermelho com botões de pérolas do tamanho de avelãs [...] (JAROUCHE, 2005, p.113).

Note-se que além dos acréscimos materiais, tais como o vestíbulo, vários aposentos ao redor do salão, estrado guarnecido de um trono, piscina adornada com mármore, leão de bronze, tecido bordado com ouro da Índia, diamantes, as amplificações decorrem também da descrição dos elementos constituintes do cenário, empregados junto a termos intensificadores: “*cour très spacieuse*”; “*appartements de la dernière magnificence*”; “*sofa richement garni*”; “*diamants et perles d'une grosseur extraordinaire*”; “*travail admirable*”; “*eau très claire*”.

Da mesma maneira, a aparência das personagens em *Les mille et une nuits* sofreram intervenções; a começar por Šahrâzâd<sup>3</sup>, a protagonista da obra, que, apesar das *Mil e uma noites* a descrevem tão-somente pelos seus atributos intelectuais – sem qualquer menção às suas características físicas –, adquiriu na versão de Galland uma beleza extraordinária – um ideal feminino nutrido pelos leitores franceses; ademais, o orientalista também descreveu suas qualidades morais, como a coragem, configurada apenas implicitamente nas *Mil e uma noites* árabes:

[...] *l'aînée s'appelait Scheherazade [...] avait un courage au-dessus de son sexe, de l'esprit infiniment, avec une pénétration admirable. Elle avait beaucoup de lecture et une mémoire si prodigieuse qui rien ne lui était échappé de tout ce*

<sup>2</sup> “[...] e os três, após terem atravessado um belo vestíbulo, passaram para um pátio espaçoso circundado por uma galeria que se comunicava com vários aposentos do mesmo nível, todos simplesmente magníficos. Havia no fundo do pátio um estrado ricamente guarnecido com um trono de âmbar no meio, sustentado por quatro colunas de ébano enriquecidas de diamantes e pérolas de extraordinária grandeza, e forrado de cetim vermelho admiravelmente bordado com ouro da Índia. No meio do pátio, estendia-se um grande tanque de mármore branco, cheio de água claríssima que nele caía abundantemente pela boca de um leão de bronze.” (GALLAND, 2004, p.110, v.1).

<sup>3</sup> Ao fazer referência às personagens da própria obra árabe, será utilizada a convenção internacional para a transliteração dos nomes próprios. Observe-se que a fricativa palatal surda “š” tem som equivalente ao “x” ou “ch” do português, como xicara ou chapéu. Para as vogais longas, utilizou-se â, ê e û; podem ser pronunciadas como se fossem vogais tônicas.

*qu'elle avait lu. Elle s'était heureusement appliquée à la philosophie, à la médecine, à l'histoire et aux beaux-arts; et elle faisait des vers mieux que les poètes les plus célèbres de son temps. Outre cela, elle était pourvue d'une beauté excellente, et une vertu très solide couronnait toutes ces belles qualités*<sup>4</sup>. (GALLAND, 1965, p.35, v.1).

Šahrâzâd, a mais velha, tinha lido livros de compilações, de sabedoria e de medicina; decorara poesias e consultara as crônicas históricas; conhecia tanto os dizeres de toda a gente como as palavras dos sábios e dos reis. Conhecedora das coisas, inteligente, sábia e cultivada, tinha lido e entendido. (JAROUCHE, 2005, p.49).

As personagens com aparência repugnante tiveram sua descrição atenuada, assim como os belos traços, que, embora não tenham sido delineados de acordo com as especificidades da obra árabe, foram sistematicamente marcados pelo tradutor. As belas personagens das *Mil e uma noites*, masculinas e femininas, apresentam, de um modo geral, descrições semelhantes: cabelos e grandes olhos negros, pele alva, faces e lábios avermelhados, e, muito comumente, a descrição vem associada a uma imagem cósmica; nesse sentido, a beleza do rosto é comparada ao “sol” [*šams*], à “lua cheia” [*badr*], ou simplesmente à “lua” [*qamar*]. Em *Les mille et une nuits*, Galland raramente manteve as comparações com as imagens cósmicas e ocultou o detalhamento do ideal de beleza contido no livro árabe – tanto mais quando ocorrem referências a partes íntimas do corpo – ao empregar expressões mais abstratas para retratar a aparência de suas personagens, entre elas cita-se “*très bien* [ou “*assez bien*”] *fait(e)*”, “*air si noble*”, “*beauté extraordinaire*”, “*beauté surprenante*”; como ocorre na descrição da jovem porteira, em “*Histoire de trois calenders fils de rois et de cinq dames de Bagdad*”:

[...] *une autre dame qui vint ouvrir la porte lui parut si belle qu'il en demeura tout surpris, ou plutôt il fut si vivement frappé de l'éclat de ses charmes qu'il en pensa laisser tomber son panier avec tout ce qui était dedans, tant cet objet le mit hors de lui-même. Il n'avait jamais vu de beauté qui approchât de celle qu'il avait devant les yeux*<sup>5</sup>. (GALLAND, 1965, p.115, v.1).

O carregador olhou para quem abriu a porta e eis que era uma jovem de boa estatura, seios empinados, de formosura, beleza, elegância, perfeição e esbelteza; sua fronte parecia ter o brilho da lua cheia; seus olhos imitavam os das vacas selvagens e das gazelas; as sobrancelhas eram como a lua cheia do mês de *ša'bân*<sup>6</sup>; as faces pareciam papoulas; a boca, o sinete de Salomão; seus labiozinhos vermelhos era como ouro puro; os dentinhos, como pérolas engastadas no coral; o dorso, como uma torta oferecida ao sultão; o peito, como uma fonte com jatos d'água; os seios, como duas enormes romãs; a barriga tinha um umbigo que cabia meia medida de unguento de benjoim; e uma vagina que parecia cabeça de coelho com orelhas arrancadas [...]. (JAROUCHE, 2005, p.112-113).

Os traços detalhados da jovem desapareceram da versão de Galland, a beleza é, neste exemplo, mais delineada pelas reações que ela provoca no carregador do que pela sua própria descrição física; enquanto que, nas *Mil e uma noites*, à luz da tradução de Jarouche, a caracterização fornece a imagem de seu rosto e talhe, dando, inclusive, pormenores de suas partes íntimas.

<sup>4</sup> “[...] a mais velha, chamada Cheherazade [...] possuía coragem acima de seu sexo, muitíssimo espírito e admirável inteligência. Muito culta, era dona de memória tão prodigiosa que nada lhe escapava de tudo quanto havia lido. Aplicara-se com afincos ao estudo da filosofia, da medicina, da história e das artes, e compunha versos mais lindos que os dos poetas mais famosos do seu tempo. Além disto, tinha uma beleza extraordinária. E uma virtude solidíssima coroava tantas lindas qualidades.” (GALLAND, 2004, p.38, v.1).

<sup>5</sup> “[...] outra dama que abriu a porta lhe pareceu tão bela que se extasiou; ficou tão impressionado com aquele encanto que teve medo de deixar cair o cesto com tudo quanto havia dentro. Nunca vira beleza que se aproximasse da que lhe estava diante dos olhos.” (GALLAND, 2004, p.110, v.1).

<sup>6</sup> Oitavo mês do calendário lunar muçulmano. Cf. JAROUCHE, 2005, p.112, nota 77.

Nota-se, então, que Galland não somente ocultou os detalhes descritivos das personagens, como também qualquer remissão explícita a sua sexualidade. Orientado pela *bienséance* e *délicatesse*, deixou de registrar as descrições e os episódios mais libidinosos das *Mil e uma noites*, quando se encerra o próprio ato sexual. O tradutor, por um jogo de modulações, buscou compensar a intensidade das passagens eróticas utilizando uma justificativa, como o fez no episódio do prólogo-moldura, quando a esposa do rei Šāhriyār, acompanhada por jovens serviçais e escravos negros, comete o adultério: “*La pudeur ne permet pas de raconter tout ce qui se passa entre ces femmes et ces noirs, et c’est un détail qu’il n’est pas besoin de faire*”<sup>7</sup> (GALLAND, 1965, p.27, v.1); ou atenuou a imagem do ato sexual, como se pode ver, comparativamente, na cena em que a jovem prisioneira de um gênio impõe a copulação a Šāhriyār e a Šāhzamân, irmão caçula do rei – também no prólogo-moldura:

“*Descendez donc, leur répliqua-t-elle sur le même ton; si vous ne vous hâtez de m’obeir, je vais l’éveiller, et je lui demanderai moi-même votre mort.*”. Ces paroles intimidèrent tellement les princes qu’ils commencèrent à descendre avec toutes les précautions possibles pour ne pas éveiller le génie. Lorsqu’ils furent en bas, la dame les prit par la main, et, s’étant un peu éloignée avec eux sous les arbres, elle leur fit librement une proposition très vive: ils la rejetèrent d’abord; mais elle les obligea, par de nouvelles menaces, à l’accepter<sup>8</sup>. (GALLAND, 1965, p.32, v.1).

Ela disse: “É absolutamente imperioso que vocês desçam. Se acaso não o fizerem, eu acordarei o *ifrit* e lhe pedirei que os mate”, e continuou fazendo sinais e insistindo até que eles desceram lentamente da árvore, colocando-se afinal diante dela, que se deitou de costas, ergueu as pernas e disse: “Vamos, comecem a copular e me satisfaçam, senão eu vou acordar o *ifrit* para que ele mate vocês”. E tanto insistiu que eles não tiveram como divergir: ambos copularam com ela, primeiro o mais velho, e em seguida o mais jovem. (JAROUCHE, 2005, p.47).

De todo modo, seja pela utilização de uma justificativa ou pela atenuação da cena, Galland retirou as seqüências eróticas disseminadas ao longo das *Mil e uma noites*; entretanto ele não deixou de sugerir a ocorrência do ato sexual, tal como os trechos selecionados elucidam. Assim, o orientalista, por um jogo de correspondências semânticas, realizou a transposição do claro e manifesto *élan* sexual da obra árabe, para um discurso insinuante em suas *Les mille et une nuits*, optando pela sua simples sugestão.

Não menos emblemática foi a rejeição de Galland pela linguagem vulgar presente no texto árabe, adquirindo em sua tradução das *Mil e uma noites* uma forma polida; principalmente quando o discurso traz termos grosseiros, que, na época, poderiam chocar seus leitores: na sua versão, um homem jamais foi chamado “bastardo” [*walad zinâ*], nem a mulher “puta” [*qah’ba*] ou, como aparece no prólogo-moldura, “arrombada” [*kûra*], em referência à esposa de Šāhriyār: “Quanto à senhora, ela gritou: ‘ó Mas’ûd! ó Mas’ûd’, e eis que um escravo negro pulou ligeiro de cima de uma árvore ao chão; encaminhou-se até ela e disse: ‘O que você tem, sua arrombada?’ ” (JAROUCHE, 2005, p.45). Nessa passagem, em especial, Galland nem chegou a interferir na linguagem, preferin-

<sup>7</sup> “O pudor não me permite contar tudo o que se passou entre as mulheres e os negros; além do mais, trata-se de um pormenor dispensável”. (GALLAND, 2004, p.31, v.1).

<sup>8</sup> “ – Descei imediatamente – respondeu-lhe. – Se não me obedecerdes já, desperta-lo-ei, e eu mesma lhe pedirei que vos mate”. Estas palavras de tal modo os assustaram que começaram a descer com todas as precauções possíveis para não despertar o gênio. Ao pisarem o chão, a jovem pegou-os pela mão, e, afastando-se um pouco com eles, sob as árvores, fez-lhes livremente uma proposta bastante ousada, que a princípio rejeitaram; mas ela os obrigou, por meio de novas ameaças a aceitá-la”. (GALLAND, 2004, p.36, v.1).

do a supressão do trecho: “[...] *elle appela Masoud, et le sultan en vit plus qu’il n’en fallait pour être pleinement convaincu de sa honte et de son malheur*”<sup>9</sup> (GALLAND, 1965, p.30, v.1).

Os copiosos versos das *Mil e uma noites* foram outro alvo de supressão do orientalista: em sua versão eles foram registrados somente em raras ocasiões e, quando os fez, foi em prosa e num sentido mais geral, inserindo-os no corpo do texto. Como observou Abdel-Halim, as poesias, na obra árabe, são inseridas de acordo com determinadas ocasiões: algumas são intercaladas no texto para conferir um caráter nobre aos sentimentos expressos pelo herói; outras se figuram como canções entoadas em cenas de festins ou artísticas; e há ainda aquelas que mostram simplesmente a grande cultura ou pensamento das personagens. Entretanto, nos vários momentos em que são inseridas, as poesias, que se encontram em árabe clássico, contrastam com árabe dialetal, mais popular, e o tom prosaico do restante do texto. Galland, de acordo com o gosto de seu tempo, procurou não registrar semelhante diversidade de tom no interior de suas *Les mille et une nuits*, cuja linguagem, como já foi dito anteriormente, foi toda aclimatada para uma forma mais polida em relação àquela das *Mil e uma noites* árabes. Em “*Histoire du pêcheur*”, por exemplo, verifica-se o corte dos versos recitados pelo pescador, como expressão de sua tristeza diante de um mau dia de trabalho, substituídos por um trecho em prosa, com sentido mais geral em relação ao texto poético:

[após jogar a rede pela segunda vez:] “*O fortune !” s’écria-t-il d’une voix pitoyable, “cesse d’être en colère contre moi, et ne persécute point un malheureux qui te prie de l’épargner ! Je suis parti de ma maison pour venir ici chercher ma vie, et tu ma’annonces ma mort. Je n’ai pas d’autre métier que celui-ci pour subsister; et malgré tous les soins que j’y apporte, je puis à peine fournir aux plus pressants besoins de ma famille. Mais j’ai tort de me plaindre de toi; tu prends plaisir à maltraiter les honnêtes gens, et à laisser les grands hommes dans l’obscurité, tandis que tu favorises les méchants et que tu élèves ceux qui ont aucune vertu qui les rende recommandables*”. [após jogar a rede pela terceira vez :] *On ne saurait exprimer quel fut son désespoir; peu s’en fallut qu’il ne perdît l’esprit*.<sup>10</sup> (GALLAND, 1965, p.65).

[após jogar a rede pela segunda vez:] “Ó tormento do destino, já tive minha parte,/ mas, se ainda não tiver tido, então perdoa;/saí em busca do meu sustento, mas me disseram: ‘já morreu’./Minha sorte nada me traz,/ e tampouco o meu trabalho./Quantos ignaros não se alçam às Plêiades,/ e quantos sábios vivem às escondidas”. [após jogar a rede pela terceira vez:] “Eis a fortuna: nada a impele ou prende às tuas mãos;/ nem a educação te trará sustento, nem a escrita,/ nem a sorte: as fortunas são imponderáveis,/ e por isso aceita-as, férteis ou estéreis./ Os caprichos do destino rebaixam o homem educado/ e elevam o canalha que só merece a baixaze./ Faze tua visita, ó morte, pois a vida é degradante./ Se os falcões descem e os patos se elevam,/ Isso não é tão espantoso, pois vemos homens superiores/ Empobrecidos, enquanto os inferiores se pavoneiam./ Nossas fortunas já foram divididas, e nossos fados/ são como aves que buscam comida por toda parte:/ algumas correm mundo de Oriente a Ocidente,/ e outras ganham benesses sem dar um só passo”. (JAROUCHE, 2005, p.72-73).

Ao comparar o texto de Galland com a tradução de Jarouche, é possível notar que na versão francesa ocorreu a fusão do conteúdo das duas poesias – recitadas, aliás, em momentos diferentes – num

<sup>9</sup> “[...] chamou Masoud, e o sultão viu mais do que o suficiente para se convencer da sua vergonha e da sua desgraça”. (GALLAND, 2004, p.34, v.1).

<sup>10</sup> ““Ó sorte!”, exclamou com uma voz de cortar o coração, ‘cessa de estar encolerizada comigo, e não persigas um desgraçado que te suplica que o poupes! Saí de casa e vim aqui ganhar a vida, e tu me anuncias a morte. Não tenho outro ofício senão este para viver; e apesar de todos os meus cuidados, mal consigo satisfazer as mais urgentes necessidades de minha família. Mas não tenho razão de me queixar de ti, pois que te divertes em maltratar os honestos e deixar os grandes homens na obscuridade, enquanto favoreces os maus e ergues os que não possuem virtudes que os recomendem” . [após jogar a rede pela terceira vez] “Não se pode descrever o seu desespero; pouco faltou para que enlouquecesse”. (GALLAND, 2004, p.67, v.1).

curto texto falado pelo pescador, e não declamado, onde foi resumido o lamento de sua sorte e o questionamento da justiça do destino sobre os homens. Apesar do trabalho de aclimação da linguagem de *Les mille et une nuits*, o que faria diminuir a diferença de tom entre os versos solenes e o texto em prosa, Galland deixou de traduzir literal e integralmente as poesias das *Mil e uma noites*. Ademais, nesse exemplo em especial, pode-se pensar que, talvez, a supressão dos versos teria ocorrido por parecer inverossímil a um erudito educado nos valores do Classicismo que semelhante poesia pudesse ser proferida por um pescador, uma personagem retratada com grande pobreza e sem qualquer referência de que tivesse instrução.

Quanto às amplificações no texto, além de ocorrerem na descrição dos elementos materiais, sublimando o universo árabe, elas também foram inseridas, de um modo geral, à guisa de explicações de fatos ou palavras supostamente incompreensíveis aos leitores, aparecendo no corpo do texto e também em notas de rodapé. Estas últimas, por exemplo, preencheram as margens de *Les mille et une nuits* para a interpretação de nomes próprios; esclarecimentos dos hábitos, costumes e religiões; explicações de fatos históricos e pontos geográficos – aliás, as referências são particularmente numerosas em “*Histoire de Sindbad le marin*”, onde o orientalista cuidou de esmiuçar, didaticamente, os lugares aos quais a história se refere. Mas, Galland também inseriu referências semelhantes ao longo do texto, localizando cidades e regiões, possivelmente menos familiares aos leitores, em relação a lugares mais conhecidos como o rio Eufrates e a Mesopotâmia. Há referências geográficas em “*Histoire du prince Ahmed et de la fée Pari-Banu*”, uma história introduzida por Galland em sua tradução das *Mil e uma noites*, onde é possível verificar as inserções didáticas do orientalista ao longo do texto:

*Le prince [...] attendit avec patience le départ de la première caravane pour retourner aux Indes. Il employa ce temps-là à voir Samarcande et aux environs tout ce qui était digne de sa curiosité, et principalement la vallée de la Sogde, ainsi nommé de la rivière du même nom qui l'arrose, et que les Arabes reconnaissent pour l'un des quatre paradis de l'univers par la beauté de ses campagnes et de ses jardins accompagnés de palais, par sa fertilité en toutes sortes de fruits et par les délices dont on y jouit dans la belle saison*<sup>11</sup>. (GALLAND, 1965, p.339-340, v.3).

Com a intenção de tornar sua obra útil, Galland não se furtou de acrescentar nessa passagem elementos que relevam um saber enciclopédico: como sugeriu Larzul, tal fragmento parece ser uma paráfrase do artigo “*Sogde*” da *Bibliothèque orientale*, de Barthélémy d’Herbelot.

Em “*Histoire de trois calenders fils de roi et de cinq dames de Bagdad*”, é possível perceber inserções de caráter histórico; entre elas, o encaixe de uma informação relacionada ao califa Hârûn Arrašîd, com o intuito de esclarecer os leitores sobre uma lenda a qual o texto das *Mil e uma noites* se refere de modo mais lacunar:

*Mais, Sire, dit en ce endroit Scheherazade au sultan, il est bon que Votre Majesté sache pourquoi l'on frappai si tard à la porte des dames : en voici la raison. Le calife Haroun-al-Raschid avait coutume de marcher très souvent la nuit incognito, pour savoir par lui-même si tout était tranquille dans la ville, et s'il ne s'y commettait pas de desordre*<sup>12</sup>. (GALLAND, 2004, p.124, v1).

<sup>11</sup> “[...] aguardou o momento oportuno para voltar à Índia. Enquanto aguardava, visitou a cidade e os arredores, vendo tudo que era digno de sua curiosidade, e sobretudo o vale de Soide, banhado pelo rio de mesmo nome. Para os árabes, este vale constitui um dos quatro paraísos do mundo, em virtude da beleza dos seus campos e jardins, repletos de palácios, de árvores de toda espécie”. (GALLAND, 2004, p.475, v.2).

<sup>12</sup> “ – Mas, Senhor – disse Cheherazade ao sultão, interrompendo a história –, convém que saibas por que se batia tão tarde à porta das damas. Eis a razão: “o califa Harun al-Rachid costumava perambular de noite, incógnito, para saber se havia tranqüilidade nas ruas, e se não se cometiam desordens”. (GALLAND, 2004, p.118, v.1).

[*Prosseguiu Šahrâzâd*] : E eis por que se batia à porta, ó rei: sucedeu que o califa Hârûn Arrašîd e seu vizir Ja'far, o barmécida, resolveram descer à cidade, conforme estavam habituados a fazer de pouco em pouco. (JAROUCHE, 2005, p.123).

Quanto ao aspecto religioso, *As mil e uma noites* evocam de modo constante nas suas narrativas as práticas do islamismo e a atmosfera do mundo muçulmano; Galland, por sua vez, esmerou-se para retratá-las, apesar de não as registrar integralmente de acordo com seu manuscrito, procedendo com determinadas supressões, adaptações e, mesmo, amplificações. Entre as práticas do islamismo, a oração ritual – praticada cinco vezes ao dia, em momentos fixos – foi indicada por Galland, com precisão; como também a prescrição das abluções precedentes à oração foi igualmente sublinhada em sua versão. Com o projeto de instruir os leitores, o orientalista não deixou de inserir a realização das orações mesmo quando elas não aparecem, como ocorre no início do livro, na ligação entre a primeira e segunda noite:

*Scheherazade, en cet endroit, s'apercevant qu'il était jour et sachant que le sultan se levait de grand matin pour faire sa prière et tenir son conseil, cessa de parler*<sup>13</sup>. (GALLAND, 1965, p.46, v.1).

Então a aurora alcançou Šahrâzâd e ela parou de falar [...] Depois, quando bem amanheceu, o dia clareando e o sol raiando, o rei se levantou e foi cuidar de seu reino e de suas deliberações. (JAROUCHE, 2005, p.58).

As práticas islâmicas da peregrinação a Meca e da esmola caritativa<sup>14</sup> foram inseridas em sua versão mesmo quando ausentes no original. No caso da primeira, Larzul observou que Galland não hesitou em acrescentar a peregrinação em “*Histoire du sixième frère du barbier*” para informar os leitores sobre semelhante prática religiosa; ou, sob a mesma perspectiva de divulgação, em suspender a narrativa de “*Histoire d'Ali Cogia*” para fazer alusão ao templo da Ka'ba e sublinhar os aspectos sociais circundantes à obrigação religiosa. Quanto à esmola, ora Galland a registrou fielmente, como na história “*L'âne, le boeuf et le laboureur*”, encaixada no prólogo-moldura, ora a amplificou a propósito de seus destinatários e de suas quantidades, como em “*Histoire de Beder et de Giauha-re*”. Assim, como sugeriu Larzul, a tradução de Galland reflete um anseio de insistir nas práticas religiosas: a ocultação torna-se bastante rara, as formas de adaptação permanecem limitadas e a amplificação ganha espaço, com a multiplicação das ocorrências dos ritos religiosos e com inserções de vários comentários e explicações no interior do texto.

Se, por um lado, Galland insistiu nas práticas religiosas, por outro, mostrou grandes reservas aos dogmas do Islamismo, presentes na abundante fraseologia religiosa das *Mil e uma noites*. A profissão de fé muçulmana [*šahada*] – dogma fundamental do Islã – que concebe a unicidade de Deus e Muh'ammad como profeta de Deus, foi praticamente apagada; assim, somente em sua “*Histoire du dormeur éveillé*”, Galland registrou a fórmula “não há outro Deus que Deus”, no mais o orientalista praticou sistematicamente a ocultação, a exemplo do fragmento de “*Histoire du troisième calender*”:

*L'excès de ma joie me fit oublier la défense qui m'avait été faite: “Dieu soit béni ! dis-je alors; Dieu soit loué !”*<sup>15</sup> (GALLAND, 2004, p.179, v.1).

Tão grande foi minha alegria que louvei a Deus altíssimo e fiz declarações rituais de que ele é único e o maior. (JAROUCHE, 2005, p.167).

<sup>13</sup> “Cheherazade, a essa altura, percebendo que já era dia, e sabendo que o sultão costumava levantar-se de manhã bem cedo para fazer sua prece e reunir o conselho, deixou de falar”. (GALLAND, 2004, p.50, v.1).

<sup>14</sup> Conforme Larzul, o *corpus* sobre o qual Galland se apoiou traz somente a prática da *çadaqa*, esmola doada espontaneamente, mas há também a *zakât*, uma doação geralmente recolhida por um *âmil* (coletor de impostos). As referências ao tratamento de Galland a propósito das práticas religiosas islâmicas em sua versão podem ser observadas em LARZUL, 1996, p. 72-78.

<sup>15</sup> “O excesso de júbilo fez com que eu me esquecesse da proibição: Deus seja louvado!, exclamei. Deus seja louvado!” (GALLAND, 2004, p.166, v.1).

As páginas das *Mil e uma noites* também estão recobertas de alusões à intervenção do destino na vida humana e da plenitude do poder divino, tais concepções estão presentes na versão francesa, mas em proporções menores, conforme ponderou Larzul. A formulação “E Deus quis que ele chegasse são e salvo” [*wa-kataba llâh la-hu s-salâm*], comumente empregada depois de uma viagem, foi traduzida em situações raras; outra expressão que Galland ocultou quase sistematicamente: “se Deus quiser” [*in châ’a llâh*] que recobre *As mil e uma noites* e é proferida de modo regular por Šahrâzâd, nas ligações entre as noites:

*“Mais je vois le jour, poursuivit Scheherazade, il faut que j’en demeure là. – Ma soeur, dit Dinarzade, voilà un conte qui promet beaucoup; je m’imagine que la suite en est fort extraordinaire. – Vous ne vous trompez pas, répondit la sultane; et, si le sultan me permet de vous la conter, je suis persuadée qu’elle vous divertira fort”. Schahriar se leva comme le jour précédent, sans s’expliquer là-dessus, et ne donna point ordre au grand-vizir de faire mourir sa fille*<sup>16</sup>. (GALLAND, 1965, p.60, v.1).

E a aurora alcançou Šahrâzâd, que parou de falar. Sua irmã Dînârzâd lhe disse: “Como é bela sua história, maninha”. Ela respondeu: “Na próxima noite, caso eu viva, irei contar-lhe algo mais belo, extraordinário e maravilhoso, se Deus altíssimo quiser”. (JAROUCHE, 2005, p.68).

Da mesma maneira, a fórmula freqüentemente pronunciada diante do sentimento de impotência face à adversidade “não há poderio nem força senão em Deus altíssimo e poderoso” [*lâ h’awla wa-lâ quwwa illâ bi-llâhi l-’alî l-’azhîm*] foi registrada por Galland apenas excepcionalmente; de acordo com o trabalho de Larzul, foram encontradas apenas três ocorrências no conjunto de sua tradução.

A constante supressão das fórmulas das *Mil e uma noites* gerou, desse modo, um enfraquecimento da manifestação do destino em *Les mille et une nuits*; mas não foi apenas pela ocultação da fraseologia islâmica que a atuação da sorte sobre os homens perdeu, na versão francesa, a força que possui no original, mas também por intervenções no teor texto. Na “História do segundo dervixe”, de acordo com a tradução de Jarouche, o protagonista censura sua atitude imprudente de ter desafiado o gênio que mantém uma bela jovem, por quem se apaixonou, reclusa num subterrâneo; entretanto, fica claro na narrativa que é o destino o desencadeador de toda a seqüência de infelicidades da qual o protagonista é tomado, desde que saiu da casa paterna:

[...] subi as escadas devagarinho, tremendo de medo, e cheguei à saída; recoloquei o tampão no lugar e cobri-o de terra, conforme estava antes. Lembrei-me da jovem, de sua beleza, de sua gentileza e atenções para comigo, e de como, embora ela tivesse passado vinte e cinco anos sem que nada lhe ocorresse, bastara que eu dormisse com ela uma única noite para lhe causar tudo aquilo; minha tristeza cresceu e minhas preocupações se ampliaram. Lembrei-me de meu pai e de meu reino, e de como o tempo fora traiçoeiro comigo, tornando-me um lenhador; e depois que o tempo fora um pouquinho agradável comigo, voltara a tornar minha vida um desgosto. Chorei então copiosamente, recriminei-me e declamei: “Minha sorte me maltrata como se eu fora seu inimigo,/causando-me desgostos sempre que topa comigo,/ e mesmo que ela seja gentil por um instante qualquer,/ logo em seguida me faz deslumbrar novos desgostos”. (JAROUCHE, 2005, p.146).

Na versão francesa, o teor da passagem foi modificado: Galland apagou a importância conceitual da fatalidade do destino ao valorizar a culpabilidade do protagonista:

<sup>16</sup> “Mas estou vendo o dia – prosseguiu Cheherazade –, e é preciso que eu pare. – Minha irmã – disse Dinarzade –, eis uma história que promete bastante; para mim não é difícil imaginar que a continuação deve ser extraordinária. – Não te enganas – respondeu a sultana. – E se o sultão permitir contá-la, estou certa de que te divertirá muito. Chahriar levantou-se como no dia anterior, sem nada dizer e não deu ordem ao grão-vizir para ele matar sua própria filha.” (GALLAND, 2004, p.62, v.1).



*J'achevai de monter, d'autant plus pénétré de douleur et de compassion que j'étais la cause d'un si grand malheur, et qu'en sacrifiant la plus belle princesse de la terre à la barbarie d'un génie implacable, je m'étais rendu criminel et le plus ingrat de tous les hommes. "Il est vrai, disais-je, qu'elle est prisonnière depuis vingt-cinq ans; mais la liberté à part, elle n'avait rien à désirer pour être heureuse. Mon emportement met fin à son bonheur, et la soumet à la cruauté d'un démon impitoyable". J'abaissai la trappe, la recouvris de terre, et retournai à la ville [...]*<sup>17</sup> (GALLAND, 2004, p.153-154, v.1).

Porém, não foi apagado do contexto desta história, e de todas as outras que compõem *Les mille et une nuits*, a idéia de um destino humano submetido às vicissitudes da fortuna ou da vontade divina; em determinadas passagens, como essa supracitada, Galland modificou a intensidade da sorte para que ele pudesse inserir, de acordo com os valores de sua época, o conceito moral da responsabilidade humana. *Les mille et une nuits*, engendradas com as diversas supressões da fraseologia islâmica e com as alterações de significado em determinadas passagens, enfraqueceram a concepção de mundo muçulmana significativamente presente nas *Mil e uma noites*; porém, não deixaram de comunicar a idéia de um universo dominado pelo destino ou pelo supremo poder divino contido no original.

## Conclusão

Ao longo de suas *Les mille et une nuits*, Galland ocultou, amplificou e adaptou elementos das *Mil e uma noites*, aclimatando o livro árabe para o gosto de sua época com o propósito de divulgar o conhecimento da civilização árabo-islâmica na França. A civilização aí delineada, ancorada na magnificência e na *bienséance*, aproximou-se mais da corte de Luis XIV do que do próprio universo retratado na obra árabe. Porém, apesar da aclimação operada na versão francesa, o que faz da obra um exemplo marcante de “*belle infidèle*”, Galland não deixou de conservar a carga comunicativa do original, entrelaçando elementos da civilização árabo-islâmica das *Mil e uma noites* aos elementos emprestados da civilização francesa do *Grand Siècle*, sem fazer de seu texto uma adaptação grosseira.

Desse modo, Galland rompeu com as elementares representações orientais elaboradas até aquele momento ao apresentar um trabalho de tradução que, embora tenha sofrido adaptações, não deixou de manter o “espírito” dos contos árabes, conforme assinalou Larzul (1996, p.116); ademais, o orientalista, por meio de sua tradução, viabilizou o contato entre os leitores franceses e as *Mil e uma noites*, um livro desconhecido na época, mas que trazia um tipo apreciado de histórias, provenientes de uma civilização que ele almejava fazer conhecer na França, e claro, em toda Europa.

*Les mille et une nuits* de Galland – que hoje tem pouco a ver com o conceito de tradução, figurando mais como uma adaptação – representam uma significativa tradução do século XVIII, que, além de configurar, nesse período, um trabalho de iniciação ao Oriente – tendo em vista suas notas e comentários ao longo do texto – também foi uma obra que suscitou o enriquecimento do gênero maravilhoso na produção literária européia. A tradução de Antoine Galland foi bastante difundida em outras línguas modernas, algumas décadas após a primeira publicação: foram vertidas para o inglês (1706); o alemão (1712); o italiano (1722); o russo (1763); o neerlandês (1788), entre outras; e, diante de sua larga difusão, uma literatura romanesca floresceu em torno da versão de Galland, que a imitou, a “continuou” e nela se inspirou para compor elementos como espaços, personagens e enredos de suas narrativas.

---

<sup>17</sup> “Terminei, assim, de subir, tomado de dor e compaixão, tanto mais por ser eu a causa de tão grande desgraça, e porque, sacrificando a mais formosa princesa da Terra à barbaridade de um gênio implacável, me havia tornado criminoso e o mais ingrato dos homens. É verdade, pensei, que ela é prisioneira há 25 anos; mas, a não ser a liberdade, nada lhe faltava para ser feliz. Meu arrebatamento pôs fim à sua ventura, e submete-a, agora, à crueldade de um demônio impiedoso. Abaixei o alçapão, recobri-o de terra, e voltei à cidade [...]”. (GALLAND, 2004, p.144, v.1).

## **Referências Bibliográficas**

- [1] ABDEL-HALIM, M. *Antoine Galland, sa vie et son oeuvre*. Paris: Nizet, 1964.
- [2] GALLAND, A. *As mil e uma noites*. Tradução de Alberto Diniz. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. 2v. Versão francesa de: Antoine Galland. Original árabe.
- [3] \_\_\_\_\_. *Les mille et une nuits*. Traduction d'Antoine Galland. Paris: Garnier, 1955. 3v.
- [4] JAROUCHE, M.M. *Livro das mil e uma noites*. Introdução, notas e apêndice e tradução do árabe por Mamede Mustafa Jarouche. São Paulo: Globo, 2005. v.1
- [5] LARZUL, S. *Les traductions françaises des Mille et une nuits: étude des versions Galland, Trébutien et Mardrus*. Paris: L'Harmattan, 1996, pp.5-116.
- [6] \_\_\_\_\_. *Les mille et une nuits d'Antoine Galland: traduction, adaptation, creation*. In : CHRAÏBI, A. (ed.). *Les mille et une nuits en partage*. S.l. Sindbad, 2004, pp.251-266.
- [7] MAHDI, M. (ed.) *The Thousand and one nights (Alf layla wa-layla) from the earliest known sources*. Leiden: Brill, 1994. v. 3, pp.1-49 e pp.183-215.
- [8] NITRINI, S. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: EDUSP, 1997 (Acadêmica, 16).
- [9] WELLEK, P. A crise da literatura comparada. In: COUTINHO, E.F.; CARVALHAL, T. F. (eds.). *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994a, p.108-119.
- [10] \_\_\_\_\_. O nome e a natureza da literatura comparada. In: COUTINHO, E.F.; CARVALHAL, T. F. (eds.). *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994b, p.120-148.

---

## **Autor**

<sup>1</sup> **Christiane DAMIEN, Ms.**  
chdamien@yahoo.com.br